

Agro e estatais lideram ganhos da B3 no primeiro semestre de 2026

Renda fixa também teve espaço entre os retornos, em um ambiente de juros elevados

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O primeiro semestre de 2026 mudou a fotografia dos índices com melhor desempenho na B3. Depois de um início de 2025 marcado pela valorização de segmentos como o imobiliário e o financeiro, os seis primeiros meses deste ano colocaram no topo do ranking o boi gordo, as empresas estatais e as companhias de servi-

ços públicos. A renda fixa também ganhou espaço entre os maiores retornos, em um ambiente ainda marcado por juros elevados. O maior avanço entre os índices calculados pela B3 foi registrado pelo Índice Futuro Boi Gordo, com valorização de 16,38% entre janeiro e junho. Na sequência aparecem o Índice de Estatais, com 15,96%, e o Índice de Utilidade Pública, com 10,89%, composto por empresas de energia elétrica, saneamento e gás. O Ibovespa, principal referên-



Maior avanço foi registrado pelo Índice Futuro Boi Gordo, com uma valorização de 16,38%

cia do mercado acionário brasileiro, avançou 6,76% no período. O resultado ficou abaixo dos 15,44% registrados no primeiro semestre de 2025, quando o Índice Imobiliário liderou o ranking com alta de 46,41%. A mudança de líderes passa principalmente por uma alteração nas expectativas para os juros. Se no início do ano passado o mercado projetava uma redução mais intensa da Selic, a manutenção das taxas em patamares elevados mudou a atratividade relativa dos investimentos. “Do meio do ano passado até abril deste ano, havia uma expec-

tativa muito forte de corte da Selic. Existia uma perspectiva de estímulo à economia, a curva de juros tinha cedido bastante e a inflação havia recuado”, contextualiza Alexandre Pletes, sócio e head de Renda Variável da Faz Capital. Com a mudança desse cenário, segundo ele, ocorreu uma rotação para a renda fixa e para setores da Bolsa menos sensíveis aos juros. Companhias imobiliárias, por exemplo, tendem a responder com maior intensidade às mudanças nas expectativas para o custo do dinheiro. Entre os dez índices com maior retorno deste ano, quatro

são de renda fixa: IDEB Ultra Qualidade DI, com alta de 7,64%; Letra Financeira S1 D1, com 7,30%; e Tesouro Selic Low Turnover e Tesouro Selic, ambos com 7,05%. Também aparecem entre os dez primeiros o Índice de Governança (8,37%), o MidLarge Cap (7,92%) e o IBrX 50 (7,43%). Para o gestor de investimentos da Desbrava Capital, Samir Kahler, o nível dos juros explica “quase totalmente” a presença da renda fixa entre os destaques. Com taxas elevadas, os títulos oferecem retornos competitivos, enquanto o custo de capital maior dificulta o ambiente para as empresas.

Boi gordo e Petrobras registram peso importante na carteira

Apesar de colocar um ativo ligado ao agronegócio na liderança, o resultado do Índice Futuro Boi Gordo não significa uma valorização generalizada do setor. O indicador acompanha especificamente os contratos futuros de boi gordo. Por medir essencialmente um único item, explica o gestor de investimentos da Desbrava Capital, Samir Kahler, o índice tende a apresentar oscilações mais acentuadas e pode aparecer com maior frequência nos extremos do ranking. A alta de 16,38% está ligada principalmente à dinâmica da pecuária. “Tivemos uma oferta menor de animais, enquanto a demanda continuou bastante aquecida. Quando a oferta diminui e a demanda permanece forte, ocorre um descasamento que acaba sendo ajustado pelo preço”, explica. Alexandre Pletes, sócio e head de Renda Variável da Faz Capital,

também recomenda cautela na leitura de outros indicadores relacionados ao agronegócio. O índice de ações do setor elaborado pela B3, por exemplo, reúne diferentes elos da cadeia, incluindo companhias que não atuam diretamente no campo- caso da Ambev. “Talvez não dê para se basear somente no desempenho do índice e dizer que houve uma melhora generalizada do agronegócio”, pondera. Já no caso do índice de Estatais, que avançou 15,96%, a Petrobras teve papel relevante. A companhia possui peso expressivo na carteira e foi favorecida pelo comportamento do petróleo e pelos dividendos. “A Petrobras teve um desempenho muito bom também em termos de dividendos, e esse índice considera esse ajuste. Além disso, houve a própria performance da companhia diante do preço do pe-

Ranking	Índice	Classificação	2026 1º Semestre	ETFs atrelados
1º	FUTURO BOI GORDO	RV	16,38%	BBOI11
2º	IBOV ESTATAIS	RV	15,96%	SPUB11
3º	UTILIDADE PÚBLICA	RV	10,89%	UTIL11
4º	GOVERNANÇA	RV	8,37%	GOVE11
5º	MIDLARGE CAP	RV	7,92%	-
6º	IDEB ULTRA QUALIDADE DI	RF	7,64%	MARG11
7º	IBRX 50	RV	7,43%	PIBB11
8º	LETRA FINANCEIRA S1 D1	RF	7,30%	LFIX11
9º	TESOURO SELIC LOW TURNOVER	RF	7,05%	LFTX11
10º	TESOURO SELIC	RF	7,05%	NCDI11
13º	IBOVESPA	RV	6,76%	BOVA11, BBOV11, XBOV11, BOVB11, BOVV11, BOVX11, IBOV11, BOVS11

tróleo”, destaca Pletes. Ainda, a presença do Índice de Utilidade Pública na terceira posição reforça outra característica do semestre: a procura por negócios considerados mais defensivos. Em

presas de energia, saneamento e gás possuem receitas relativamente previsíveis e demanda menos sensível aos ciclos econômicos. “Mesmo em momentos de crise, o consumo de energia elé-

trica e de água continua relativamente estável. Por isso, é um setor mais conservador e que, em momentos de estresse no mercado, tende a performar melhor”, afirma Kahler.

Eleições entram no radar e têm potencial para alterar posição dos índices

A combinação de juros elevados, incertezas domésticas e mudanças no fluxo estrangeiro também ajuda a explicar o desempenho mais moderado do Ibovespa. Pletes acrescenta que a retomada do interesse pelas empresas

de tecnologia norte-americanas contribuiu para direcionar novamente capital aos Estados Unidos. Para o segundo semestre, as eleições passam a ocupar espaço central nas projeções. Kahler avalia que o processo eleitoral será o

principal catalisador capaz de provocar uma nova troca entre os índices que lideram o mercado. “Dependendo do resultado das eleições, os investidores podem formar expectativas distintas sobre os rumos da política econô-

mica e, consequentemente, sobre juros, atividade e mercado”, explica. Pletes também acredita que setores defensivos devem continuar presentes nas carteiras enquanto os investidores aguardam maior clareza sobre 2027. Uma re-

dução do prêmio de risco, segundo ele, dependeria principalmente de expectativas de maior controle das contas públicas, o que poderia favorecer a queda da curva de juros e ativos mais sensíveis à atividade.